



Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**



*Património de Alverca do Ribatejo  
e Calhandriz*

A colecção Vila Franca de Xira – saber Mais Sobre..., criada pela Câmara Municipal, dá corpo a um dos objectivos primordiais da autarquia, que é o de comunicar e educar, divulgando, os resultados das pesquisas efectuadas. A intenção é dinamizar, através dessas investigações, uma consciência patrimonial activa, potenciando os recursos concelhios nessa área e o desenvolvimento local.

As atenções dirigem-se sobretudo para a divulgação da cultura local, erudita ou popular, muitas vezes só guardada até aí pela tradição oral, o espólio patrimonial edificado e a História de carácter identitário da região e das suas comunidades, capazes de interessar a diferentes tipos de públicos. São livros de fácil acesso e consulta, destinado a quem nos visita ou contacta.

As edições, basicamente informativas, abordarão temáticas variadas, das Feiras, Festas e Romarias aos museus, instituições relevantes da sociedade civil, equipamentos municipais ou espaços públicos de lazer, cultura e recreio. Em cada item a tratar será apresentada a sua raiz histórica e fornecidos os elementos facilitadores da orientação dos públicos que não conhecem o Concelho.

Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**

## Património de Alverca do Ribatejo e Calhandriz

- 22 Antigo Palácio do Conde de Vila Franca
- 23 Cova Funerária do Bom Sucesso
- 24 Ermida da Senhora da Piedade
- 25 Ermida de São Clemente
- 26 Monumentos ao 50.º Aniversário
- 27 Fonte do Choupal
- 28 Fonte e Gruta de São Romão
- 30 Coreto e Igreja Matriz de São Pedro
- 33 Igreja da Misericórdia
- 34 Igreja dos Pastores
- 35 Um carrilhão
- 36 Laminador industrial
- 37 Marco da Vila
- 38 Monumentos à Produção de Azulejo
- 40 Oficinas Gerais de Material Armador
- 42 Redutos das Linhas de Torres
- 43 Sociedade Filarmonica Borralha Alverquense
- 44 Salinas de Alverca
- 45 Vestígios do Castelo de Alverca

**Volume 8**

## FICHA TÉCNICA

### **Título original**

Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...  
Património de Alverca do Ribatejo  
e Cachandriz

### **Autor**

Oriando Raimundo

### **Edição**

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Praça Afonso de Albuquerque, 2  
2600-093 Vila Franca de Xira

### **Coordenação Editorial**

O Correr da Pena – Comunicação,  
Marketing, Edições  
Praceta Capitão Américo dos Santos,  
7-2.º Dt.º  
2735-049 Agualva-Cacém

### **Parceria**

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,  
Edições e Terra Branca, Comunicação Social,  
Lda.  
Rua 31 de Janeiro, 22  
2005-188 Santarém

### **Apoio Documental**

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

### **Pesquisa**

José Alexandre

### **Revisão**

Maria Manuela Alves

### **Fotografia**

H. Dias, R. Caetano, Rui Navarro e Bancos de  
imagens do Arquivo Histórico da Força Aérea,  
Gabinete de Informação e Relações Públicas  
da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira,  
Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo, La-  
boratório Nacional de Engenharia Civil, Palácio  
Nacional da Ajuda e O Correr da Pena.

### **Paginação**

CMVFX/GGIRP

### **Impressão**

Colibri – Artes Gráficas

1ª Edição: Dezembro de 2011

© O Correr da Pena e Câmara Municipal de  
Vila Franca de Xira, 2011

ISBN: 978-989-8254-13-9

Depósito Legal: 336725/11

## ÍNDICE

07 Prefácio

### **PARTE I:**

### **PATRIMÓNIO DE ALVERCA DO RIBATEJO**

- 11 A cidade que nasceu do rio
- 12 Antiga Casa da Câmara
- 14 Alverca e as Capelas de D. Afonso IV
- 15 O Brasão da Rainha Mariana Victoria
- 16 A genial “Gaiola Pombalina”
- 18 Estela Funerária de Alverca
- 20 Pelourinho de Alverca
- 21 Símbolo de autoridade e justiça
- 22 Antigo Palacete do Conde do Farrobo
- 23 Cupa Funerária do Bom Sucesso
- 24 Ermida da Senhora da Piedade
- 25 Ermida de São Clemente
- 26 Monumentos ao 25 de Abril
- 27 Fonte do Choupal
- 28 Fonte e Gruta de São Romão
- 30 Coreto e Igreja Matriz de São Pedro
- 33 Igreja da Misericórdia
- 34 Igreja dos Pastorinhos
- 35 Um carrilhão com 69 sinos
- 36 Laminador Industrial
- 37 Marco da IV Légua
- 38 Monumentos à Produção de Azeite
- 40 Oficinas Gerais de Material Aeronáutico
- 42 Redutos das Linhas de Torres
- 43 Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense
- 44 Salinas de Alverca
- 45 Vestígios do Castelo de Alverca

## ÍNDICE

### PARTE II:

#### PATRIMÓNIO DE CALHANDRIZ

- 49 Um anfiteatro natural
- 50 Chafariz do Caminho do Jogo
- 51 Estátua do Bispo
- 52 Fortalezas das Linhas de Torres
- 53 Igreja Matriz de São Marcos
- 54 Cruzeiro de Calhandriz

#### 55 BIBLIOGRAFIA

#### 57 CONTACTOS

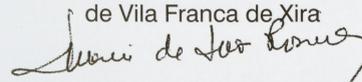
Com o oitavo Volume da Colecção de Guias “Vila Franca de Xira. Saber Mais Sobre...”, desta feita abrangendo as freguesias de Alverca do Ribatejo e Calhandriz, concluímos o trabalho que deu a conhecer o Património de todas as freguesias do nosso Concelho. Nesta edição fica de novo evidente a diversidade patrimonial existente e os múltiplos locais de interesse para os visitantes.

De entre os muitos destaques possíveis em Alverca do Ribatejo, convido-vos em particular a visitar a antiga Casa da Câmara, hoje em dia núcleo-sede do Museu Municipal, e o Pelourinho, colocado no centro da Praça João Mantas. O edifício, pelas múltiplas funções que teve ao longo dos séculos, é parte fundamental da história desta cidade. Quanto ao pelourinho, é uma peça emblemática da Arte Manuelina e está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1993.

Na Calhandriz, não é por acaso que o próprio autor se refere a este local como um “anfiteatro natural de grande beleza”. É sem dúvida um espaço singular, dotado de uma paisagem natural de valor incalculável. Não é também de desprezar a oferta gastronómica, que tem vindo a afirmar-se ao longo dos anos e que constitui hoje em dia um verdadeiro “ex-libris” da freguesia. Conjuntamente com a descoberta do seu património edificado, como por exemplo o Cruzeiro ou a Igreja de São Marcos, a Calhandriz reúne todas as condições para um passeio em família.

Em jeito de conclusão deste conjunto de Guias dedicados ao Património das nossas freguesias, que vão do volume 5 ao volume 8, renovo o convite para que venha visitar-nos!

A Presidente da Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira



**Maria da Luz Rosinha**



**PARTE I**

**PATRIMÓNIO DE ALLVERCA DO RIBATEJO**

## A CIDADE QUE NASCEU DO RIO



Terra alagadiça, abraçada pelo Tejo, com o qual estabeleceu uma singular união de facto, Alverca do Ribatejo alicerçou o seu desenvolvimento no aproveitamento inteligente dos esteiros. Na desembocadura de três deles (hoje ribeiras), construíram-se portos, de onde já em meados do século XVI partiam, rumo a Lisboa, barcos carregados de mercadorias e passageiros. O esteiro principal ficava perto do aglomerado urbano, a sul, onde se recolhiam os barcos. Os outros eram o Esteiro de Adarce, frente do lugar com o mesmo nome, e o Esteiro de Ramilles, no lugar de Silveira.

Os portos foram erguidos na foz desses esteiros, já que os três canais, onde se recolhia também o sal que abastecia Lisboa, se mantiveram navegáveis muito para além da Idade Média, até pelo menos a primeira metade do século XVIII. Nas terras baixas em redor, tirando partido dos aluviões do Tejo, era produzido trigo e centeio, que múltiplos moinhos e azenhas reduziam a farinha. E tudo o que não era consumido seguia viagem, pelo rio, com destino à capital. Foi dessa relação do homem com o rio, no aproveitamento dos recursos naturais, que a urbe cresceu.

Em paralelo com a navegação de cabotagem, à exploração do sal, a produção de cereais e o aproveitamento da

energia das marés, que assegurava o funcionamento dos moinhos, praticava-se a pesca. Desenvolveu-se depois a agricultura, que se manteve em alta até meados do século XX, com destaque para as produções de azeite e queijo. A industrialização só chegou em 1918, com a instalação do Parque de Material Aeronáutico, que gerou mais emprego e atraiu novos habitantes.

Os instrumentos de pedra lascada encontrados no Terraço Quaternário, provam que o local já era habitado no Paleolítico. E por aqui passaram os romanos, construtores da Estrada de Adriano, entre Olisipo (Lisboa) e Scallabis (Santarém), que deixaram para memória futura o Marco Miliário da Travessa do Açouge Velho e Estela Funerária fixada parede da Antiga Casa da Câmara, registando a sepultação de Marco Licínio Quadrato, da Tribo Galénia.

A povoação terá surgido na Idade Média, em data ainda não determinada, na colina do Castelo. O documento mais antigo que refere a sua existência (a carta de doação de uma herdade) é de 1206, segundo a investigadora Anabela Ferreira, responsável pelo Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

# ANTIGA CASA DA CÂMARA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo



A data de construção da Antiga Casa da Câmara de Alverca, no velho Rossio, (actual Praça João Mantas), permanece ainda incerta, mas tudo leva a crer tratar-se de uma obra mandada fazer por D. Manuel I, já na fase final do seu reinado, em 1520 ou 1521. É bem possível que a decisão de mandar construir o edifício tenha feito parte da reforma administrativa e legislativa ordenada pelo monarca, apostado em modernizar o reino. As Ordenações Manuelinas abrangiam, convém recordar, não só a reorganização da Fazenda mas, também, a reestruturação da administração pública. Nessa época, o Concelho de Alverca, cuja sede foi ali instalada, já existia, uma vez que foi

criado no século XII, em data que não foi ainda possível também fixar com exactidão. O Concelho existiu e funcionou com todos os seus poderes e competências durante quase setecentos anos, só tendo sido extinto em 1855, por ordem de D. Pedro V. Alverca não foi o único Concelho a ser extinto no século XIX. Foram-no também os Concelhos de Povos (em 1836), Castanheira do Ribatejo (1837) e Alhandra (1855), que passaram todos a fazer parte de Vila Franca de Xira. O edifício, destruído pelo Teramoto de 1755 e reconstruído nove anos depois, sofreu ao longo dos tempos várias alterações. Na segunda metade do século XIX e no século XX foi de tudo um pouco: Escola Primária,

# ANTIGA CASA DA CÂMARA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo



Estação do Telégrafo, Cadeia, Posto da GNR, Junta de Freguesia e Biblioteca Pública. Hoje, com uma arquitectura bem diferente da que possuía no século XVI, acolhe o Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Não se sabe igualmente ao certo onde foi construída a primitiva Casa da Câmara, aventando-se a hipótese de o ter sido no actual Largo Gregório Nunes, onde foi erguido o primeiro pelourinho. As escavações aqui realizadas em 2004 e 2005, aquando das obras de remodelação, permitiram encontrar restos da calçada quinhentista, bem como uma sala subterrânea, cerâmicas e faianças, uma tranca em ferro e duas chaves, tudo da mesma

época. Os arqueólogos e historiadores que analisaram os achados pensam ter existido aqui uma prisão, dotada de uma enxovia, usada como espaço de isolamento. A ser assim, é lícito concluir que a Casa da Câmara quinhentista não só acolhia os serviços administrativos como funcionava como local de execução de penas e aplicação da justiça.

Objectos expostos no  
museu instalado na  
Casa

# ALVERCA E AS CAPELAS DE D. AFONSO IV

D. Afonso IV – o rei que mandou matar Inês de Castro, com receio de que a relação “pecaminosa” do filho, (o futuro D. Pedro I), com a fidalga galega, pusesse em causa a independência de Portugal – tornou-se em 1354 dono de Alverca. Nesse ano, o monarca doou a si próprio o Concelho de Alverca, determinando que o mesmo passaria a ser propriedade das Capelas de D. Afonso IV, instituição que pertencia à família real. O papel dominador e a importância das Capelas manteve-se ao longo de quase quinhentos anos, só tendo terminado em Agosto de 1833, por decisão do regime liberal, que pôs fim ao poder da Mesa da Consciência e Ordens que as administrava.

Foi graças às Capelas de D. Afonso IV que a Antiga Casa da Câmara, destruída pelo Terramoto de 1755, foi recuperada. O seu salvador foi D. Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, que era na época Monsenhor da Patriarcal de Lisboa e Provedor das Capelas. A data da reconstrução – 1764 – foi, de resto, por ele mandada assinalar para a posteridade, numa lápide, colocada na fachada Norte do edifício. Na epígrafe embutida na parede imortaliza-se a ordem de reedificação de D. Paulo de Carvalho e Mendonça.

O edifício passou então a estar dotado de salas de sessões e

audiências, tribunal e três cadeias – uma para homens, outra para mulheres, e uma terceira para isolar os mais rebeldes.

O território concelhio abrangia então Adarce, A-dos-Melros, A-dos-Potes, Arcena Grande e Pequena, Brandoa, Moinho de Vento, Ponte, Proverba, Vale de Ranhas, Verdella e Sobral (actual Sobralinho).



Lápide epigrafada de 1764  
D. Paulo de Carvalho e Mendonça  
D. Afonso IV

# BRASÃO DA RAINHA MARIANA VICTÓRIA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo

Reconstruído após o Terramoto de 1755, o edifício da Antiga Casa da Câmara de Alverca ostenta, no centro da parede lateral exterior, o brasão da Rainha D. Mariana Victoria de Bourbon, mulher de D. José I. Espanhola de nascimento, Mariana Victoria era filha do rei Filipe V, de Espanha, e da sua segunda mulher, Isabel de Parma. Casou aos 10 anos, em 1729, com o herdeiro D. José, então com 15 anos, que exercitava já a sua proverbial infidelidade, mantendo um caso com a mulher de um dos azarados Távoras.

D. Mariana Victoria tornou-se Rainha aos 32 anos e acabou mesmo por ascender ao papel principal, de Regente do Reino de Portugal, em finais de 1776, quando contava 58 anos. A decisão foi tomada por D. José, que sofria de ataques de pânico desde o Terramoto e se encontrava já muito doente. Exerceu o poder durante pouco mais de quatro meses, até à passagem do ceptro para sua filha, D. Maria I, em finais de Março de 1777, um mês depois da morte de D. José.

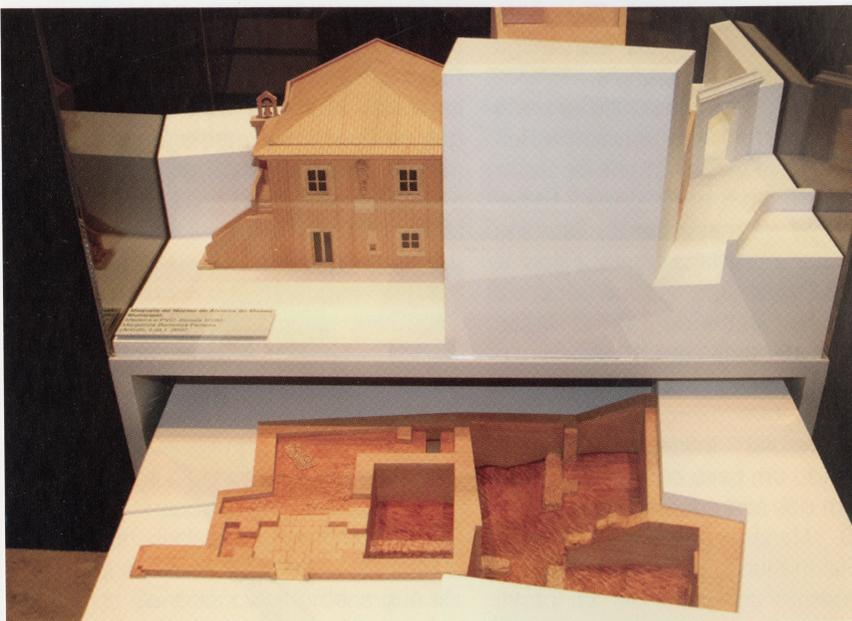
A rainha morreu em Lisboa, em Janeiro de 1781, com 62 anos, depois de uma breve passagem de luto pela Espanha, estando sepultada na Igreja de São Francisco de Paula. A colocação do Brasão na fachada do edifício da Antiga Casa da Câmara de Alverca foi ordenada por D. Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, que na época era, para além de muitas outras coisas, Presidente e Vedor da Casa da Rainha Mariana Vitória.



Brasão da Rainha  
Retrato da rainha Maria Victoria pelo  
pintor alemão Johann Georg Ziesenis

# A GENIAL “GAIOLA POMBALINA”

Antiga Casa da Câmara  
Alverca do Ribatejo



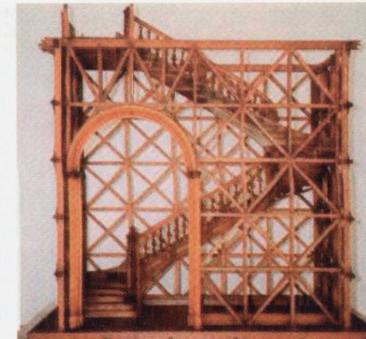
A “Gaiola Pombalina”, que atraía de imediato a curiosidade dos visitantes da Antiga Casa da Câmara de Alverca, intrigados com a engenhoca, é uma inovação genial dos urbanistas portugueses da segunda metade do século XVIII. Trata-se de uma armação anti-sísmica, desenvolvida na época do Marquês de Pombal (daí que se chame pombalina), no contexto da reconstrução da Baixa de Lisboa, depois do Terramoto de 1755, destinada a evitar novas derrocadas.

Chamados a projectar a reconstrução da cidade de Lisboa por Sebastião José de Carvalho

e Melo, o Marquês, os engenheiros militares e arquitectos Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel reuniram um grupo de especialistas do Exército e puseram-nos a pensar sobre o problema. Foi deste desafio que nasceu a ideia da “gaiola”. Partindo da observação do comportamento dos barcos nas grandes tempestades, os engenheiros militares equacionaram a possibilidade de se adaptar aos edifícios o modelo de construção em madeira dos navios, que resistiam às acções dinâmicas transmitidas pelo mar. A analogia entre o comportamento das embarcações nas

# A GENIAL “GAIOLA POMBALINA”

Antiga Casa da Câmara  
Alverca do Ribatejo



tempestades e o comportamento dos edifícios nos terramotos parecia óbvia. Partiram, assim, para a concepção de uma estrutura tridimensional de madeira, formada por peças deformáveis e resistentes à tracção e à compressão, que seria depois revestida exteriormente por alvenaria de pedra. As ligações entre os vários elementos desse todo, articulado entre si, criavam paredes resistentes mistas. A “gaiola” assim construída, absorvia os deslocamentos provocadas pelos sismos, e não era visível, uma vez que se encontrava embebida nas paredes de alvenaria.

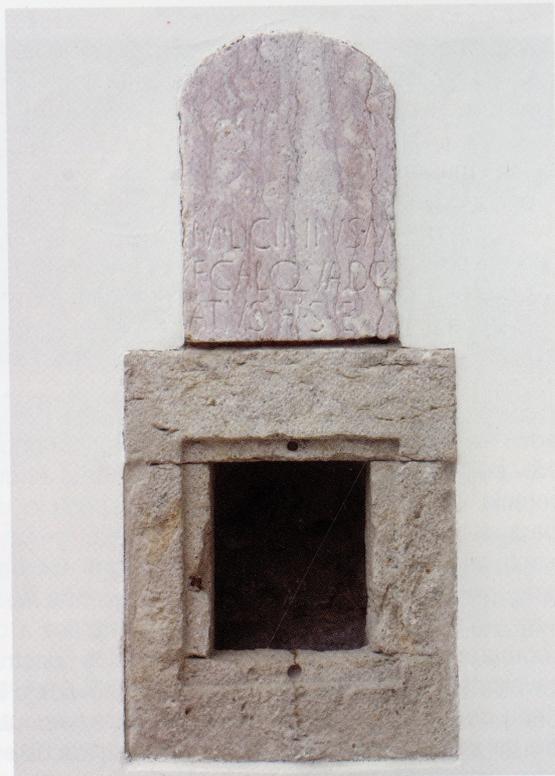
A armação de madeira era constituída por peças verticais, horizontais e inclinadas, todas ligadas entre si, reforçadas nos pontos de maior concentração de esforços por cintas de ferro. Formavam-se assim esqueletos de madeira, que seriam cobertos

de alvenaria, conhecido como Cruzes de Santo André – numa alusão ao apóstolo crucificado numa cruz em forma de “xis” – que provaram ser um sistema sólido de grande estabilidade. Para a história fica a certeza de que os edifícios construídos com “Gaiola Pombalina” foram um avanço extremamente importante na evolução da engenharia anti-sísmica.

Para além das fantásticas peças museológicas e da “Gaiola Pombalina”, a Antiga Casa da Câmara de Alverca oferece ainda à curiosidade dos visitantes a abóbada, o agulheiro, por onde passa a luz do dia e o troço medieval do pavimento quinhentista.

# ESTELA FUNERÁRIA DE ALVERCA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo



A Estela Funerária incrustada na parede exterior da Antiga Casa da Câmara de Alverca é uma peça patrimonial romana, com quase dois mil anos. A epígrafe gravada na pedra, lacónica como todas dessa época, assinala o sepultamento de Marco Licínio Quadrato, um importante cidadão romano, que não se sabe ao certo que papel terá tido na Lusitânia, (então uma província romana), e que poderá ter sido um soldado da Legião, morto em combate. O registo menciona

apenas dois pormenores mais: o nome do pai (Marco como ele) e a tribo a que pertencia (a Tribo da Galéria). A pedra de mármore branco, com nódulos rosados, em que a epígrafe tem uma dimensão de 40 por 60 cm, esculpida por artesãos romanos, no século I, foi usada seis séculos depois pelos mouros, que profanaram a sepultura romana, na construção das ombreiras de uma das portas de ferro da Cerca Moura de Lisboa. A Cerca foi construída

# ESTELA FUNERÁRIA DE ALVERCA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo

pelos árabes após a conquista de Lixbuna (como eles lhe chamavam), em 719, e demolida na segunda metade do século XVIII, já depois do Terramoto de 1755. As portas da muralha assumiram, no período islâmico, um importante papel da ordenação interna do espaço citadino, protegendo o castelo, os palácios e a Medina, zona tradicional de comércio.

Na época da morte de Marco Licínio Quadrato, Alverca era ponto de convergência da estrada de acesso a Lisboa (Olisipo), pelo Vale de Vialonga; e de uma outra, paralela ao Tejo, que conduzia à actual Póvoa de Santa Iria. A Tribo da Galéria, a que ele pertencia, era uma das 35 que formavam o corpo cívico romano, o que equivale a dizer que os seus membros eram cidadãos romanos de pleno direito. Sendo uma das tribos preferidas dos Imperadores Júlio César e Augusto, ocupava uma circunscrição administrativa, importante no Império Romano. Nela estavam inscritos os habitantes de Olisipo, então um importante município cosmopolita.

Marcada por influências culturais celta e lusitana, a Tribo da Galéria dedicava-se aos negócios do vinho, produzido na região ribatejana, em Arruda dos Vinhos e Torres Vedras; e à comer-

cialização do azeite produzido na mancha compreendida entre Santarém e Cascais.

A estela foi trazida para Alverca em 1764, na altura da reconstrução pós-Terramoto da Antiga Casa da Câmara, por ordem de D. Paulo de Carvalho de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal que era o Provedor das Capelas de D. Afonso IV, a que Alverca tinha sido doada. Ao ser retirada da ombreira da porta de ferro da Cerca Moura de Lisboa a peça terá sofrido a mutilação visível do lado direito. Está fixada na parede exterior do imóvel, que acolhe o Núcleo local do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, à vista de todos.



# PELOURINHO DE ALVERCA

Praça João Mantas  
Alverca do Ribatejo

O pelourinho de Alverca, colocado no centro da Praça João Mantas, frente à Antiga Casa da Câmara, é uma peça emblemática da Arte Manuelina, apesar de ter sido concebida já no reinado de D. João III, filho e sucessor de D. Manuel I. Foi implantado ali em 1530, já depois da construção do edifício e a partir daí sempre esteve associado. Está classificada como património de Interesse Público desde 1933. O capitel prismático octogonal é decorado com quatro cabeças, representando as ninfas do Tejo, que seguram na boca um cordão, que as une simbolicamente umas às outras, e duas alcacho-

fras, símbolos da ressurreição. As quatro Tágides são intercaladas pela esfera armilar, o brasão real de D. Manuel I, com uma coroa em cima; um rosto masculino, de cuja boca sai uma cartela com a data da construção; e o Castelo de Santarém, com as três torres e a muralha.

O fuste, como é conhecida a parte da coluna entre a base e o capitel, é cilíndrico e está decorado com estrias em espiral, torcidas em sentidos opostos, inversos ao nó central, separados por um nó saliente, com anel.

Na ponta final do século XIX, o pelourinho, encarado pelos republicanos como símbolo do poder monárquico, é vandalizado várias vezes. Num clima de grave crise política e receios de bancarrota, a situação piora com a perseguição movida pelo rei D. Carlos aos implicados no 31 de Janeiro de 1891. O pelourinho acaba por ser apeado nesse ano, cedendo as autoridades à pressão, apoiada no argumento de que o Concelho de Alverca já tinha sido extinto há 36 anos. Só em vésperas do 25 de Abril de 1988, quase um século depois, o pelourinho voltou a ser colocado no seu local de origem, com sinais evidentes do desgaste do tempo.

# SÍMBOLO DE AUTORIDADE E JUSTIÇA

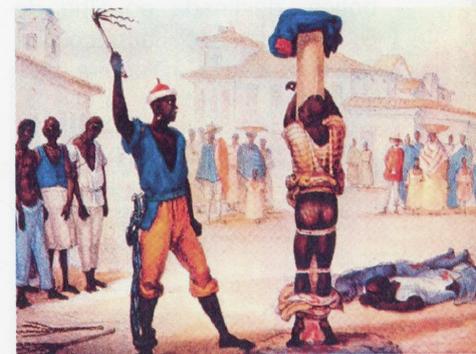
Símbolos medievais por excelência, os pelourinhos são as colunas em redor dos quais o povo se reunia, para se inteirar das leis e assistir ao julgamento de criminosos. De inspiração romana, surgiram em Portugal com a monarquia, no século XII, nas praças das cidades e vilas mais importantes. Enquanto representações do regime Senhorial, o seu papel não durou muito, mas foram plenamente usados, até ao séc. XVIII, como instrumentos da soberania régia e do poder municipal e judicial. Só perderam verdadeiramente importância no séc. XIX, após o advento do Liberalismo, que os considerou símbolos da tirania.

Era nos pelourinhos, implantados frente aos edifícios municipais, como em Alverca, que se fixavam os decretos, se anunciavam as alterações aos preços dos alimentos e se julgavam assassinos e ladrões. Dali falavam não apenas os juizes e os vereadores mas, também, as autoridades eclesiásticas.

As penas, aplicadas ali mesmo, à vista da população, para que servissem de exemplo, podiam ir do açoitamento (no caso do mercador que roubava no peso) à degolação (nos crimes de morte). Os malfeteiros eram por regra atados à coluna, de madeira, pedra ou tijolo, com

cordas e argolas de ferro, e chicoteados ou mutilados, consoante a gravidade do delito. Quando se tratava de assassinos, a degolação era frequente. Nos pelourinhos onde a coluna era de madeira, a cabeça decapada era espetada no pico em que o pau terminava, sendo por isso popularmente conhecidos por Picotas. Para a humilhação ser maior, alguns tinham no topo uma gaiola com grades de ferro, que girava horizontalmente sobre um eixo, onde os criminosos eram expostos à vergonha pública.

O pelourinho de Alverca, do Estilo Gótico Tardio (Manuelino), não é o único da região de Vila Franca de Xira. No concelho existem mais três: em Vila Franca, Alhandra e Povos.



Quadro do pintor francês  
Jean-Baptiste Debret

# ANTIGO PALACETE DO CONDE DO FARROBO

Rua Miguel Bombarda, 23  
Alverca do Ribatejo

O Antigo Palacete do Conde do Farrobo, onde agora está instalada a Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo, no centro histórico da cidade, é uma construção pombalina, do século XVII. Joaquim Pedro Quintela, o barão, que o adquiriu não se sabe a quem, nunca nele chegou a morar. O Milionário de Lisboa, como era conhecido, que foi o homem mais rico de Portugal no seu tempo e morreu falido, preferia viver em Vila Franca e Lisboa, onde tinha palácios sumptuosos.

O barão desfez-se do palacete em 1850, vendendo-o à proprietária local Joaquina Correia Ferreira, que o mandou restaurar pouco depois. No início do século XX, os seus herdeiros mandaram de novo fazer obras, instalando no rés-do-chão uma botica, destinada ao filho de D. Joaquina, o farmacêutico Domingos José Ferreira. No alvorecer das ideias republicanas, as farmácias eram lugares de conspiração e propaganda republicana, e esta não foi excepção. Domingos Ferreira, que em 1907 foi eleito dirigente da Comissão Paroquial Republicana de Alverca, promovia ali reuniões políticas, importantes para o fortalecimento do combate local contra a monarquia. Na segunda metade do século XX, o palacete, já pertença do

director do jornal Notícias de Alverca, José Sabino Lopes, único herdeiro dos proprietários, foi vendido à Junta de Freguesia de Alverca. Ex-autarca, ele próprio, Sabino Lopes entregou o imóvel por um preço simbólico, com a condição de ser recuperado. As pinturas das paredes do salão já tinham entretanto sido cobertas com tinta vulgar, por o restauro ser caro.

As obras de recuperação, que se prolongaram por quase ano e meio, iniciaram-se em Dezembro de 2003 e terminaram em Abril de 2005, a tempo de agendar a reinauguração para a data simbólica do 25 de Abril.



Antigo palacete do Conde do Farrobo, actual sede da Junta de Freguesia

# CUPA FUNERÁRIA DO BOM SUCESSO

Núcleo do Museu Municipal  
Alverca do Ribatejo

A Cupa Romana encontrada em Alverca, durante a construção dos caboucos de um dos edifícios da Urbanização do Bom Sucesso, é uma peça patrimonial de finais do Século I ou inícios do Século II. O monumento funerário, de pedra calcária, hoje depositado no Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, assinala o sepultamento da cidadã romana Alfia Amoena. Não se sabe quem tenha sido esta mulher, que a epígrafe esclarece apenas ser filha de Lúcio, provavelmente da Tribo da Galénia, como no caso da Estela Funerária. Mas sabe-se que este tipo de cupas está associada a indivíduos que ascenderam socialmente, tornando-se cidadãos romanos.

Alfia não foi sepultada no local onde a pela foi encontrada, sendo certo que ela foi deslocada do seu local de origem, as antigas ruínas do Convento de São Romão. A importante descoberta é mais uma confirmação da hipótese, já há muito formulada por historiadores e arqueólogos, de que existiu em Alverca uma povoação romana, com uma importância económica e mercantil razoável.

A Cupa Funerária do Bom Sucesso e a Estela Funerária de Alverca, exposta na parede exterior da Antiga Casa da

Câmara, testemunhos em pedra do culto da morte, demonstram a importância que a civilização romana atribuía à possibilidade de outra vida depois da morte. A construção dos túmulos em forma de pipa (cupa) simbolizava o vinho com que o defunto se iria deliciar no Além, no prolongamento tranquilo da devoção ao mais festejado de todos os deuses: o Baco dos excessos e das festas.



Cupa funerária

# ERMIDA DA SENHORA DA PIEDADE

Lugar de Adarce  
Alverca do Ribatejo

A Ermida de Nossa Senhora da Piedade, que se encontra no lugar de Adarce, da freguesia de Alverca do Ribatejo, é um pequeno templo rural de nave única, do século XVII. A capela, que guarda um interessante espólio, do qual se destaca, como peça mais valiosa, uma imagem gótica da Santa cuja devoção evoca, foi instituída pela fidalga D. Leonor Fróis.

No chão da construção arquitectónica existente à entrada da ermida, ainda no espaço exte-

(ver texto na página ao lado), Alverca possui, no século XVIII, diversas outras edificações religiosas, entretanto desaparecidas. Foi o caso do Convento das Carmelitas de São Romão, Convento dos Capuchos de Santo António, a ermida da Nossa Senhora do Bom Sucesso, Ermida de Santo António na Cumeira, e Ermida da Nossa Senhora da Praça, na Proverba.

Símbolo da Mater Dolorosa, que chora a morte de seu filho, Jesus Cristo, esta representação de Maria assume vários nomes na religião Católica: Nossa Senhora das Dores, da Soledade, das Angústias, das Lágrimas, do Calvário ou do Pranto.



rior, coberta por um pequeno telhado, que protege das intempéries – habitualmente designada por gaillé –, são visíveis lápides sepulcrais epigrafadas.

O templo, restaurado em 1988 por iniciativa da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, possui no seu interior diversos azulejos do século XVII, que vale a pena apreciar com atenção. Para além desta ermida e da Ermida de São Clemente

# ERMIDA DE SÃO CLEMENTE

Lugar de Arcena  
Alverca do Ribatejo

A Ermida de São Clemente, construída no lugar de Arcena em finais do século XVI, é um dos templos antigos de Alverca do Ribatejo que se encontra em melhor estado de conservação. A explicação para esse facto parece assentar numa singular relação de cooperação entre a paróquia e a Câmara de Vila Franca de Xira.

Possuindo gaillé e nave única, como a anterior, esta ermida está decorada com azulejos do século XVII e ostenta, na capela-mor, um magnífico retábulo maneirista. Não é só a imagem de São Clemente, em natural destaque, que capta a atenção dos visitantes. Os olhos prendem-se ainda na pia baptismal, também ela quinhentista.

Na Ermida de São Clemente, que é um dos poucos templos rurais quinhentistas no concelho de Vila Franca de Xira, existem ainda diversas lápides funerárias. Essas peças patrimoniais, ainda não estudadas, remetem para a época em que os mortos das famílias mais importantes eram sepultados nas igrejas.

Há três santos com o nome de Clemente, reconhecidos pela Igreja Católica: um que nasceu e viveu em Roma, no Século I; outro que nasceu em Atenas e viveu na Alexandria, nos séculos II e III; e um terceiro, nascido na Morávia (actual República

Checa) e que viveu em Viena de Áustria, nos séculos XVIII e XIX. O mais famoso é, sem dúvida o Clemente de Roma, que foi discípulo de Pedro e Paulo, e se tornou o quarto Papa da Igreja de Roma (depois de Pedro, Lino e Anacleto), com o nome de Clemente I.



Autor da Epístola de Clemente aos Coríntios, considerado o documento fundador da literatura cristã, foi condenado a trabalhos forçados, em minas de cobre, pelo Imperador Trajano, e depois atirado ao mar com uma pedra atada ao pescoço.



# MONUMENTOS AO 25 DE ABRIL

Jardim Parque de Alverca  
e Avenida Infante D. Pedro  
Alverca do Ribatejo



Alverca tem dois monumentos ao 25 de Abril. O mais antigo, implantado em Julho de 1995 no Jardim Parque da cidade, é um clássico. Evoca os militares do Movimento das Forças Armadas, a libertação dos prisioneiros políticos, a Paz obtida com o fim da guerra em África e as canções revolucionárias da época.

O segundo, uma estátua em chapa de ferro, idealizada e concebida por dois artistas ribatejanos – o pintor Júlio Carmo Santos e o escultor Adriano Pires – é um exemplar da arte popular, inaugurada a 25 de Abril de 2008 na Avenida Infante D. Pedro. A peça, que foi oferecida pelos dois criadores à Junta de Freguesia de Alverca, pesa 500 quilos e evoca a Liberdade e os homens que contribuíram para o êxito da Revolução dos Cravos. A Revolução de 25 de Abril

de 1974, que derrubou a ditadura do Estado Novo, pôs fim à Guerra Colonial, restabeleceu a Democracia e instituiu o Poder Local, foi o acontecimento mais importante da História recente de Portugal.



# FONTE DE CHOUPAL

Rua Projectada ao Choupal  
Alverca do Ribatejo

Implantada no interior da actual cidade de Alverca do Ribatejo, no aproveitamento de uma nascente natural, a Fonte do Choupal, tal qual hoje existe, é uma réplica da fonte original, datada de finais do século XVIII. A construção em argamassa é de uma grande simplicidade, sem cantarias nem frisos trabalhados. O local onde a nascente foi detectada era, no século XVIII, propriedade de D. Luís de Portugal (1838-1889), pai de D. Carlos. A bica, também conhecida por Fonte Santa e Fonte de Alverca, abasteceu durante largas décadas as populações da actual cidade e, ainda, dos luga-

res de Arcena, Bom Sucesso e Mato da Cruz.

A nascente está associada à Lenda de um pequeno pastor que um dia ali encontrou subitamente uma senhora, que tanto poderia ser uma santa como uma moura encantada, que fez brotar de uma pedra um fio de água cristalina. A lenda gerou depois a crença de que aquela água curava a sarna, as impigens e as doenças dos velhos.



# FONTE E GRUTA DE SÃO ROMÃO

Rua de São Romão (Bom Sucesso)  
Alverca do Ribatejo



Construída em finais do século XVI, para aproveitar a corrente que jorrava de uma mina de água, na zona do Bom Sucesso, em Alverca do Ribatejo, a Fonte de São Romão nem sempre se chamou assim. Na época em que foi edificada, existia no local o Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo (também conhecido como Convento de São Romão), e os frades baptizaram-na de Fonte de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Como aconteceu em muitos outros pontos do país, a crença popular, sempre predisposta a confirmar milagres, criou à volta deste chafariz uma lenda. A narrativa fala de uma imagem da Virgem Maria, encontrada por um zé-ninguém num penedo, junto à estrada que ligava o Convento a Alhan-

dra. Entregue aos frades, a imagem haveria de regressar pouco depois, teimosamente, ao local onde tinha sido encontrada, e aí começou a brotar um fio de água. O mistério foi explicado por frades e populares como o sinal de que a santa queria ser venerada ali. Nascia assim a Fonte de Nossa Senhora do Bom Sucesso e a Ermida a ela dedicada, que acabou destruída pelo Terramoto de 1755.

Com a extinção das ordens religiosas pelos Liberais, em 1834, na conclusão do processo iniciado pelo Marquês de Pombal, os Carmelitas Calçados, que ali viviam, tiveram de se ir embora e a fonte mudou de nome. Recuperada pela Câmara de Vila Franca e a Junta de Freguesia de Alverca, a agora Fonte de São Romão

voltou a ser ponto de interesse turístico, com o atractivo da água que continua a oferecer, potável e fresca.

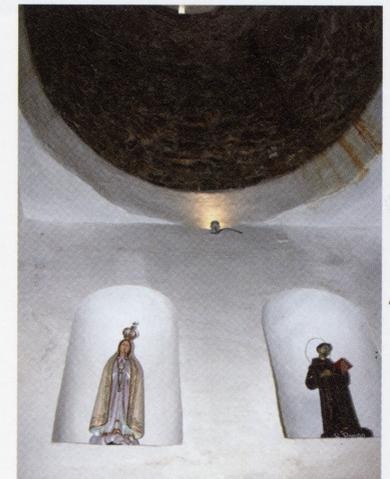
A mina que abastece a fonte encontra-se numa gruta, por detrás dela, que é o que resta do Convento de 1640. Esse edifício foi parcialmente destruído pelo Terramoto, recuperado depois e desmantelado de vez em 1834. Acabou vendido por partes, em hasta pública, a particulares.

Única no concelho de Vila Franca de Xira, a Gruta de São Romão esteve séculos ao abandono, até meados do século XX. Nos Anos 50 foi limpa e reaberta voluntariamente, por dois populares apostados em reavivar as procissões de Junho, em honra de São Romão. A reabertura precária manteve-se até 1996, ano em que voltou ao abandono, sendo posteriormente saqueada e vandalizada. Reabriu ao público em 25 de Abril de 2009, após a realização das obras de recuperação da Câmara e da autarquia local.

Não fossem as cúpulas em forma de chaminé, visíveis nas traseiras da fonte, e a gruta passaria despercebida. Lá dentro, há múltiplos pontos de interesse: as nascentes, o canal de água e o corredor de 74 metros que o leva até à fonte, as estalactites e estalagmites que o

tempo consolidou e a câmara com os três nichos e as imagens de São Romão, Nossa Senhora do Monte do Carmo (padroeira do antigo Convento) e Nossa Senhora de Fátima. Nenhuma destas imagens é a original: o São Romão foi danificado, a Senhora do Monte do Carmo vendida por um padre no Canadá e a Senhora de Fátima ficou sem cabeça.

O túnel tem duas comunicações cilíndricas com o exterior, por onde passa a luz do dia e circula o ar. Espreitando pela abertura em forma de poço é possível observar, no fundo, os bancos esculpidos nas paredes, onde os frades se sentavam para rezar.



Horário e Contactos:  
Terça a Domingo das 15h às 17h  
Centro Cultural do Bom Sucesso  
(mesmo ao lado da fonte)

# CORETO E IGREJA DE SÃO PEDRO

Zona alta do centro histórico  
- Alverca do Ribatejo -



A Igreja Matriz de São Pedro, que se encontra no centro histórico de Alverca do Ribatejo, na zona alta da cidade, junto ao local onde existiu o Castelo, cujos vestígios são ainda visíveis, é uma construção medieval. Não foi possível, até agora, determinar com exactidão a data da edificação, mas sabe-se, com total certeza, que a 23 de Maio de 1449 o corpo do Infante D. Pedro, morto três dias antes na Batalha de Alfarrobeira, foi ali sepultado. A histórica batalha – que opôs D. Pedro (segundo filho de D. João I e irmão de D. Duarte, que

tinha morrido de peste) ao filho deste, o futuro D. Afonso V, que ao fazer 18 anos exigiu o trono – decorreu junto à Ribeira de Alfarrobeira, em Vialonga, muito próximo de Alverca. Atingido, decepado e esquartejado logo no início da batalha, e deixado ali a apodrecer, D. Pedro, foi depois sepultado na Igreja de Alverca, onde o corpo permaneceu até 1455. Os seus restos mortais jazem hoje no Mosteiro da Batalha. O templo, de três naves, foi reconstruído várias vezes ao longo da sua história. A primeira reedificação terá ocorrido em

# CORETO E IGREJA DE SÃO PEDRO

Zona alta do centro histórico  
- Alverca do Ribatejo -

1787, para reposição do que o Terramoto de 1755, que a danificou bastante, deitara abaixo. A data, inscrita por cima da porta de entrada, certifica o facto. Outra das remodelações, que modificou substancialmente o traçado original, ocorreu em finais do século XVIII.

O espólio, que se pode considerar super interessante, sem risco do exagero, é composto por elementos arquitectónicos de várias épocas. Descontadas as poucas dúvidas que restam sobre o púlpito, do século XVI não sobrou praticamente nada. A maior parte das peças que decoram o seu interior é seiscentista. É o caso do portal e das colunas da nave principal; do tecto em estuque e das quatro pias (uma baptismal e três pias de água benta, em mármore rosa); e, ainda, do retábulo (duas pinturas a óleo de autor desconhecido) que ladeia a capela-mor.

Igualmente considerável é o recheio do século XVIII. Dele faz parte o lavabo em pedra mármore com embutidos, da sacristia, e o conjunto azulejar formado por um notável painel figurativo, representando episódios da vida de São Pedro. As atenções viram-se, aqui, para a cena da Libertação de São Pedro pelo Anjo. Junto ao altar encontram-se ainda algumas



# CORETO E IGREJA DE SÃO PEDRO

Zona alta do centro histórico  
- Alverca do Ribatejo -



pedras tumulares, com inscrições quase sumidas, que ainda não foi possível investigar. Em Julho de 1699, por ocasião das tradicionais festas de São Pedro, que se realizam todos os anos no largo da Igreja, o rei D. Pedro II e os seus filhos visitaram Alverca. O facto foi registado numa lápide, inicialmente colocada por debaixo da janela brasonada, do antigo Palácio da Quinta do Galvão, entretanto desaparecido. Diversas peças foram restauradas já no século XX por técnicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que dedicam uma atenção exemplar a este importante conjunto patrimonial concelhio. A Igreja, naturalmente, aplaude o apoio, a dis-

ponibilidade e a competência. No adro da Igreja de São Pedro que dá para a Rua do Castelo, foi mandado edificar, em 1926, para acolher a Banda de Musica da Sociedade Filarmónica de Recreio Alverquense, um Coreto. É uma peça simples, sem grande valor arquitectónico, cuja representação pictórica chega a ser melhor que o original, como se pode observar no azulejo de 1990. A circunstância de ter sido erguido neste local privilegiado, potenciou a sua importância. Nos anos que se seguiram à sua construção era grande a afluência de populares e apaixonados por bandas de música, entusiasmo que tem vindo a diminuir.

# IGREJA DA MISERICÓRDIA

Rua Miguel Bombarda

Alverca do Ribatejo



A Igreja da Misericórdia de Alverca do Ribatejo, que funciona desde 1990 como Centro de Dia de Apoio à Terceira Idade, com a valência de Apoio Domiciliário, é um edifício quinhentista. Manteve-se integrada, séculos a fio, num conjunto arquitectónico de que faziam parte o templo, um pequeno hospital e um albergue, destinado a acolher os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. A construção do complexo de dois pisos foi iniciada em Setembro de 1583 e concluída em 1597, conforme atesta a inscrição colocada na porta da Igreja. A igreja, que corresponde a um dos dois corpos rectangulares do aglomerado, o mais antigo da povoação de Alverca, tem um

portal de cantaria, acima do qual se abre a janela por onde entra a luz. A sua actual utilização já não permite o acolhimento dos peregrinos a Caminho de Santiago, que agora pernoitam nos Bombeiros Voluntários de Alverca. Após a publicação da Lei da Separação da Igreja do Estado, em 20 de Abril de 1911, as novas autoridades republicanas confiscaram os bens da igreja, integrando-os no património da Nação, e os edifícios foram destinados a outros fins. Primeiro funcionaram como espaço de reuniões, passando depois a escola pública, Junta de Freguesia, Posto de Primeiros Socorros e Salas de Convívio. Pelo caminho perdeu-se, em data incerta, um relicário valiosíssimo, coberto com o famoso verniz vermelho da China, preparado com laca e outras substâncias, e decorado a ouro. A existência da peça na Igreja, que a Irmandade da Misericórdia chegou a fazer sair em procissão, foi anotada num documento do século XVII. Ninguém sabe onde está, quem o levou ou quando isso aconteceu, mas o mais provável é ter ido parar a um qualquer leiloeiro londrino, onde terá sido arrematado por um montante muito elevado.

# IGREJA DOS PASTORINHOS

Largo dos Pastorinhos de Fátima  
Alverca do Ribatejo

Único templo do mundo dedicado aos pequenos pastores de Fátima (Francisco, Jacinta e Lúcia) que disseram ter visto Nossa Senhora na Cova da Iria, a 13 de Maio de 1917, a Igreja dos Pastorinhos de Alverca do Ribatejo foi inaugurada a 1 de Maio de 2005. Lúcia, a única dos três que chegou à idade adulta, morreu menos de três meses antes, a 13 de Fevereiro, com 98 anos, no Convento das Carmelitas de Santa Teresa, em Coimbra. Os outros dois morreram ainda crianças, vítimas do vírus da gripe – Francisco aos 10 anos, em 1919; e Jacinta aos 9 anos, em Fevereiro de 1920, no Hospital D. Estefânia, em Lisboa.

A construção começou cinco anos antes, em 2000, com verbas recolhidas junto de devotos dos Pastorinhos, em Portugal e nos círculos da emigração, e de católicos e filantropos da região de Alverca. A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira apoiou o projecto e associou-se à Paróquia de São Pedro de Alverca na realização de várias iniciativas, com destaque para as festas populares de angariação de fundos.

A cerimónia de lançamento da primeira pedra coincidiu com a terceira visita a Fátima do Papa João Paulo II (as anteriores tinham sido em 1982 e 1991).

O moderno equipamento não se reduz à igreja. O conjunto arquitectónico, dotado de estacionamento próprio e cave de arrecadações, construídos de forma a tirar partido da configuração irregular e da topografia do terreno, é completado com dois outros edifícios. Um deles acolhe o carrilhão (ver texto na página seguinte) e o outro o centro paroquial, baptizado com o nome João Paulo II. A igreja possui no seu interior um anfiteatro, múltiplas salas de estudo individuais e de grupo, crematório de velas e Loja de Souvenirs. A visita à torre e ao seu miradouro, situado a 43 metros de altura, são atractivos adicionais. Dali partem, com regularidade, peregrinações ao Santuário da Cova da Iria.



# UM CARRILHÃO COM 69 SINOS

A Igreja dos Pastorinhos de Alverca do Ribatejo possui o segundo maior carrilhão da Europa e o terceiro maior do mundo, constituído actualmente por 69 sinos de bronze, com um peso aproximado de 45 toneladas. O magnífico instrumento musical de percussão, instalado logo em 2002, a meio da construção do complexo, custou meio milhão de euros. Inserido numa torre de 43 metros, altitude necessária a uma correcta propagação do som, é visível de qualquer ponto da cidade.

O carrilhão (sinos de bronze, de diferentes tamanhos, e teclado) foi fabricado na Holanda, pela famosa Royal Eijbouts. A empresa, especializada no fabrico destes instrumentos, introduziu no Carrilhão de Alverca uma fascinante inovação, associando o timbre clássico dos carrilhões europeus com o timbre mais moderno dos norte-americanos. Os 69 sinos que possui neste momento não são o seu limite, estando preparado para acolher mais três e chegar aos 72.

As denominadas Temporadas de Carrilhão, organizadas pela paróquia, com o patrocínio da Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo, são já famosas. Os concertos, que já levaram à cidade organistas de prestígio internacional, vindo de vários

pontos do mundo, realizam-se habitualmente no Verão, aos domingos, de manhã ou de tarde. Mozart, Bach e Beethoven são os compositores preferidos dos melómanos, mas ouvem-se também ali, com frequência, peças emblemáticas da música popular portuguesa, sempre com grande sucesso. Tirando partido da generosidade do espaço e da excelência da acústica realizam-se também no templo Encontros de Coros Infantis, que atraem numerosas famílias, e representações de peças de teatro.



# LAMINADOR INDUSTRIAL

Jardim da Rua da Quinta do Forno  
Alverca do Ribatejo

O Laminador que se encontra instalado no pequeno jardim da Rua da Quinta do Forno, em Alverca do Ribatejo, é um símbolo da indústria local, que desempenhou um papel muito importante no desenvolvimento económico da freguesia. Ao decidir implantá-lo no espaço público, em Julho de 2010, a autarquia quis preservar a memória de um passado que, apesar de relativamente recente, é mal conhecido pelas novas gerações.



A peça, de fabrico alemão, usada no fabrico de cápsulas de Vinho do Porto e Espumante, estava desactivada há mais de vinte anos. Foi recuperada e oferecida à cidade pela Companhia Previdente, que a começou a utilizar nos Anos 50 do século XX na sua fábrica Precape. Alimentada com lingotes de chumbo, a máquina reduziu o metal da espessura inicial de 15 milímetros ao equivalente a uma

folha de papel. Depois de enroladas, as lâminas, finíssimas, seguiam para outra máquina, onde eram feitas as cápsulas. Lenta na sua laboração, a laminadora, inicialmente manobrada por mulheres, requeria muito cuidado e bastante atenção. Foi desactivada e retirada da linha de produção já nos Anos 80, substituída por máquinas, mais sofisticadas e rápidas. Mas se fosse preciso ainda poderia voltar a ser posta a trabalhar. Ainda que sem comprometer o progresso e o desenvolvimento da freguesia, onde o comércio e os serviços têm vindo a crescer, muitas das grandes empresas industriais de Alverca foram desaparecendo, e é esse passado que se pretende registar. Para memória presente e futura.

# MARCO DA IV LÉGUA

Espaço verde EN 10, junto ao cemitério  
Alverca do Ribatejo

Mandado construir por D. Maria I em 1788, o Marco da IV Léguas encontra-se hoje implantado num espaço verde junto à Estrada Nacional 10, nas proximidades do novo cemitério de Alverca do Ribatejo, a 80 metros de distância do seu local original. O monumento, que assinalava a distância entre Alverca e a actual Calçada de Carriche, pela Estrada Real que ligava Lisboa a Santarém, tinha sido colocado no século XVIII no sítio da Cruz das Almas, mas foi aí derrubado em 1985 por uma viatura descontrolada. O acidente, que o fracturou em três partes, obrigou à sua remoção para um local onde pudesse ser preservado.

O processo de conservação e restauro das peças e recuperação do monumento desenvolveu-se entre 2006 e 2007, tendo-se no entanto verificado a impossibilidade de reimplantá-lo, em condições de dignidade, no espaço original. Escolhido como alternativa o local onde agora se encontra, com a aprovação do Instituto Português do Património Arquitectónico, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira mandou proceder ao arranjo exterior da envolvente, devolvendo-o ao público. Os marcos assinalavam no século XVIII, quando a légua equivalia a 6.179 metros – hoje

representa 5.000 – as distâncias entre as localidades e indicavam a hora solar. É isso que justifica que todos eles possuem uma esfera de pedra, com o respectivo esquadro de ferro e a numeração romana gravada de I a XII. A hora era marcada pela sombra projectada pelo esquadro.

À semelhança dos outros Marcos de Léguas existentes no concelho, o de Vila Franca de Xira e o de Castanheira do Ribatejo, também este o Marco da IV Léguas se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1943.



# MONUMENTOS À PRODUÇÃO DE AZEITE

Praceta das Oliveiras / Quinta das Drogas  
Alverca do Ribatejo

A produção de azeite, uma das fontes de riqueza mais importantes de Alverca do Ribatejo, é evocada na cidade em dois monumentos contemporâneos: a Estátua ao Varejador, colocada em Dezembro de 2008 na Praceta das Oliveiras; e o Memorial à Produção, inaugurado em 2009 na antiga Quinta das Drogas.

A estátua, com a figura do varejador esculpida em mármore, é uma homenagem aos “ratinhos”, operários rurais que marcaram presença na região durante centenas de anos, até ao século XX. Vinham em ranchos, sobretudo das Beiras, à procura de trabalho, e pernoitavam durante as safras nas propriedades agrícolas que os con-

tratavam. Munidos de uma vara de madeira, vergastavam suavemente os ramos das oliveiras, fazendo tombar as azeitonas sem partir os ramos. A figura humana, desenhada pelo artista plástico Júlio Carmo Santos, é inspirada na silhueta de um elemento do Rancho Folclórico do Grupo Etnográfico de Alverca, que se prestou a servir de modelo. O monumento é complementado ao centro com uma oliveira com mais de 100 anos, transplantada a propósito, e decorado com um conjunto de azulejos, reproduzindo cenas do processo produtivo.

Numa outra zona da cidade, onde outrora existiu a Quinta das Drogas, no cruzamento da Rua da Indústria com a Rua



# MONUMENTOS À PRODUÇÃO DE AZEITE

Praceta das Oliveiras / Quinta das Drogas  
Alverca do Ribatejo

da Juventude, onde chegou a existir um olival, ergue-se um memorial à produção. Trata-se, muito simplesmente, da representação de um lagar.

Alverca do Ribatejo possuía até ao início da Revolução Industrial, no século XIX, mais de vinte lagares de azeite. Uma parte deles foi construída junto a cursos de água então navegáveis – como os rios e ribeiras da Verdelha, Crós-Crós, Fonte, Valeda e Silveira – para tornar mais fácil e barato o transporte do azeite.

Esses lagares, quase sempre associados aos produtores (Quinta do Forno, Castelo, Ourives, Quinta dos Navalhões, Quinta do Pinheiro), processa-

vam a produção de oito explorações agrícolas. Nos séculos XVII, XVIII e XIX, a maior parte da produção destinava-se à iluminação de Lisboa, que Pina Manique haveria de desenvolver bastante, e a abrilhantar as festas dos palácios da Corte.

Actualmente em Alverca só subsiste, em laboração, um lagar de azeite e já não há praticamente varejadores, sendo já idosos os que ainda resistem. A substituição das plantações pelo betão e o desenvolvimento tecnológico, que criou máquinas de varejar automáticas, explicam o fenómeno. Preservar essa memória é o objectivo destes monumentos.



# OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

Entre a via-férrea e o Tejo  
Alverca do Ribatejo



As Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA), começaram a construir em 1918, em terrenos planos entre o rio Tejo e a linha de caminho-de-ferro, são um exemplo patrimonial de excelência da moderna arquitectura industrial. A sua existência fez da cidade, que acolhe também o Museu do Ar, a capital histórica da aviação portuguesa. Quando foi criado, para fabricar aviões e motores para a aviação militar, o complexo industrial de Alverca adoptou o nome de Parque de Material Aeronáutico e empregava 150 trabalhadores. O estatuto de Oficinas Gerais só surgiu dez anos depois, altura em que os seus quadros de pessoal passaram a

registar 366 postos de trabalho. O número quase triplicou nos anos que se seguiram até 1958, quando atingiu os 1025 empregados. Hoje emprega 1.600 funcionários, tem a designação de OGMA - Indústria Aeronáutica de Portugal, S.A. e possui uma pista de aviação com três quilómetros de extensão, aberta e disponível dia e noite. O fim da guerra colonial, determinado em 1974 pelo derrube da ditadura do Estado Novo, afectou bastante a actividade das oficinas, que deixaram naturalmente de assistir os aviões militares de combate. A empresa viu-se forçada a colocar em primeiro plano, a partir daí, a manutenção de rotina de aviões,

# OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

Entre a via-férrea e o Tejo  
Alverca do Ribatejo

e a reforçar as áreas de actividade relacionadas com motores e componentes. Desempenhou, neste novo contexto, um papel importante no consórcio das empresas portuguesas envolvidas no Projecto POSAT, o primeiro satélite português, lançado para o espaço com sucesso, a partir da Guiana Francesa, no dia 26 de Setembro de 1993.

A passagem a sociedade anónima, ainda que de capitais exclusivamente públicos, ocorreu em 1994, com o corte da ligação institucional à Força Aérea Portuguesa. E em 2005, o fabricante brasileiro de aviões Embraer adquiriu 65% do capital social, assumido um controlo dinâmico da empresa.

Possui, agora, um hangar específico, para a assistência a jactos executivos, e está credenciada não só pela Embraer mas, também, pela Lockheed, Rolls-Royce e Eurocopter. É ali que são assistidos, ainda hoje, os aviões C 130 da Força Aérea Portuguesa. E ali se mantém o Hangar Geodésico do Balão, único no mundo, construído em Portugal em 1926, para montagem e reparação de aeronaves.



# REDUTO DA LINHAS DE TORRES

Alverca do Ribatejo

São cinco as fortalezas das Linhas Defensivas de Torres Vedras passíveis de serem identificadas actualmente no perímetro interior da freguesia de Alverca do Ribatejo, que até 1855 abrangia parcelas que hoje pertencem às freguesias de Sobralinho e Calhandriz. Quatro delas – o Forte dos Sinais e os Redutos de Chão da Oliveira, Casal da Entrega e Sarnadas – encontram-se em relativamente bom estado de conservação. A quinta, a Bateria dos Melros, apresenta grandes sinais de destruição.



O Forte dos Sinais (ver foto), também conhecido como Forte do Moinho Branco, é o que atrai mais as atenções. O Reduto do Chão da Oliveira, de planta poligonal, construído com alvenaria de calcário estava protegido por um fosso, cavado ao seu redor. Apesar da vegetação, por vezes

densa, é ainda possível apreciar o monumento. No canto Sul é claramente visível um troço de alvenaria, não havendo a certeza se os socacos da encosta Norte foram abertos com objetivos militares ou feitos muito mais tarde por máquinas de extracção de pedra. Justificam ainda uma visita, o Reduto do Casal da Entrega e o Reduto das Sarnadas, também conhecido como Reduto dos Dois Moinhos.

A descoberta de alguns materiais a Este do Reduto de Chão de Oliveira, na encosta junto ao

aterro sanitário, e a identificação de uma possível base de moinho, de planta circular, levou ainda a aventar-se a hipótese de ali ter existido um outro reduto, mas a hipótese foi rejeitada.

# SOCIEDADE FILARMÓNICA RECREIO ALVERQUENSE

Praça Soc. Filarm. Recreio Alverquense  
Alverca do Ribatejo

Constituída para dar suporte ao projecto de constituição de uma banda de música em Alverca do Ribatejo, a Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense, foi fundada a 6 de Outubro de 1874. A banda surgiu meses depois, logo no ano seguinte, e obteve a sua consagração em 1939, ao surgir no filme “Aldeia da Roupa branca”, de Chianca de Garcia. A película tornou-se um clássico do cinema português, graças sobretudo à participação de Beatriz Costa, no papel de Gracinda, a típica lavadeira dos subúrbios de Lisboa.

Sediada primeiro na Calçada do Terreirinho, depois na Avenida Capitão Meleças e por último no Parque 25 de Abril, a colectividade, que hoje possui edifício construído de raiz, na Praça que tem o seu nome, sofreu um sério revés em 1967. Dificuldades financeiras forçaram os seus dirigentes a interromper a actividade, que só viria a ser retomada em 1980, graças ao apoio da autarquia. A sua actual sede, equipada com um auditório de excelente qualidade, foi inaugurada a 31 de Maio de 2003.

A colectividade, que tem cerca de três mil sócios, já foi distinguida com o estatuto de utilidade pública e a sua banda, de 70 instrumentistas, continua a fazer furor. Hoje tem Escola de Música, Piano e Ballet, Orques-

tra Ligeira, Grupo de Música Popular Portuguesa e ensina Órgão Electrónico, Acordeão e Guitarra Clássica. E o leque de actividades não se fica por aqui, indo da Dança (Sevilhana, de Salão e Jazz), à Ginástica (Aeróbica, Infantil e de Manutenção), Natação, Hidroginástica, Basquetebol, Voleibol, Judo, Karaté e Yoga, Artes Plásticas (com galeria de exposições) e Xadrês.



# SALINAS DE ALVERCA

Junto ao rio Tejo  
Alverca do Ribatejo

Apesar de desactivadas, em boa parte por terem cedido espaços a outras indústrias, as Salinas da margem direita do Tejo constituem, ainda hoje, um importante património ambiental e natural. A sua existência assumiu historicamente papel de relevo no desenvolvimento não só da freguesia de Alverca do Ribatejo mas de todo o concelho de Vila Franca de Xira. Neste ecossistema coabitam 150 espécies de aves – do pato-de-bico-vermelho à garça e ao mergulhão, passando pelo



alfaiate, o flamingo, à galinha-d'água, borrelhos, ostraceiros, asnarcejas ou pernilongas.

Muitas das aves que por aqui passam, nos percursos migratórios, vêm e vão para Norte, rumo a outros países europeus, ou para Sul, demandando a África. Organizadas por tanques, as Salinas de Alverca contribuíram activamente, desde o reinado de D. Afonso III, iniciado em 1248, para a economia da

região. A indústria de extracção de sal, que partilhava espaços com campos agrícolas e sapais, fixou-se sobretudo nas zonas da Quintela e da antiga Quinta das Drogas, assegurando dezenas de postos de trabalho todos os anos, durante o Verão. A produção chegou a atingir treze mil toneladas por época.

O processo de extracção do sal, apesar de simples de perceber, envolvia alguma complexidade, requerendo profissionais dedicados. Aproveitando a praia-mar, os salineiros (homens e mulheres com costumes, linguagem e trajes próprios) depuravam a água salgada, que enteva nos reservatórios, recolhendo os cristais que se acumulavam nos talhos. Depois transportavam o sal para as eiras, onde era posto em canastras, alisado com tacos de madeira e transportado sobre a cabeça.

# VESTÍGIOS DO CASTELO DE ALVERCA

Rua dos Lavadouros  
Alverca do Ribatejo



A Noroeste do aglomerado urbano de Alverca do Ribatejo encontra-se o que resta do seu antigo castelo. Apesar da escassez dos vestígios – que não vão além de dois pedaços do pano da muralha – a curiosidade que desperta em visitantes e historiadores é grande, associada que está às lendas sobre a sua construção, estimuladas pela ausência de conclusões científicas seguras. A sua origem tanto pode remontar à Idade do Ferro, na hipótese de ter sido originalmente um Castro; como ao Período Romano, tratando-se de um Muro Defensivo; na Época da Islamização, enquanto Muralha Defensiva dos Mouros; ou na Idade Média, como Casa Senhorial, mandada edificar pelos Cruzados que participaram na conquista de Lisboa. Só novas intervenções arqueológicas poderão, eventualmente, esclarecer as dúvidas.

A existência do Castelo de Alverca é conhecida, de fonte segura, desde o período da Reconquista Cristã. A referência mais antiga data de Agosto de 1357, data em que é mencionado na carta de Confirmação do Concelho de Alverca, selada por D. Pedro I. A sua derrocada ocorreu já depois do Terramoto de 1755, que o afectou seriamente, existindo a suspeita de que nessa altura já se encontrava bastante degradado.

Seguro é ainda o facto de a sua implantação, ao cimo de um morro, servir plenamente os interesses estratégicos dos romanos, dado o domínio visual que dali se exercia sobre o Tejo e a Via Olisipo-Scallabis.



PARTE II

PATRIMÓNIO DE CALAHNDRIZ



Incrustada num território caprichosamente desenhado pela erosão, a povoação de Calhandriz, anfiteatro natural de grande beleza, é muito anterior à fundação de Portugal. O traçado urbano da freguesia, agarrado ao relevo da serra, e por isso nem sempre harmonioso, é único no concelho de Vila Franca de Xira. O casario estende-se encosta abaixo, num cair suave que agrada aos seus cerca de noventa e nove habitantes, beneficiários das fantásticas vantagens de um ambiente rural tranquilo.

Os poucos vestígios arqueológicos encontrados na Ribeira de Calhandriz, ao longo da qual se desbravava um caminho de terra batida que conduzia a Alverca, permitem concluir que a presença humana no local data do período pré-histórico. Da passagem dos romanos pelo local pouco se sabe, não existindo outro testemunho em pedra que não seja a lápide trabalhada que se encontra à entrada de Igreja de São Marcos, que terá pertencido a um edifício senhorial.

Palco das Invasões Francesas no início do século XIX, Calhandriz acolheu cinco importantes fortes militares, integrados nas famosas Linhas Defensivas de Torres Vedras. Os vestígios dessas fortificações, constru-

ídas na serra, entre montes e vales, são ainda visíveis, e bem assim visitáveis, nos dias de hoje. É o caso, nomeadamente, do Reduto Novo da Costa da Freira e do Reduto da Serra do Formoso (este último localizado numa zona de fronteira entre S. João dos Montes e Calhandriz), em bom estado de conservação. Tornada famosa pela excelente qualidade das cerejas que produz, Calhandriz é terra de bom vinho e boa mesa, atributos que transformam as desvantagens da interioridade num benefício, não só para os que lá vivem mas, também, para os que a visitam. Tempos houve em que teve quintas famosas, que os mais velhos ainda recordam, como a Quinta Alegre e a Quinta da Calçada, de produções abundantes.

Rainha do pedaço, a cereja preta de Calhandriz é a matéria-prima com que ali se faz ainda hoje um licor inimaginável, no aproveitamento de uma velha receita conventual. Os escassos treze quilómetros que a separam de Vila Franca de Xira e os trinta a que fica de Lisboa fazem dela um apetecível destino, convite irrecusável à descoberta da gastronomia, da natureza e das actividades ao ar livre.

# CHAFARIZ DO CAMINHO DO JOGO

Rua Luís Lourenço Ramalho  
Calhandriz



Apesar de estar inserido na malha urbana da freguesia, o Chafariz do Caminho do Jogo, que se encontra na Rua Luís Lourenço Ramalho, em Calhandriz, é um perfeito exemplo do fontanário rural. Não foi ainda possível determinar com rigor a data em que a água da nascente começou aqui a ser aproveitada, mas isso certamente não aconteceu antes do século XVIII, não obstante o facto de o povoamento se ter iniciado aqui antes mesmo da fundação da nacionalidade. Há aliás vestígios encontrados na ribeira de Calhandriz que atestam a ocupação humana nos primeiros tempos Pré-Históricos.

Contrariamente ao que se veri-

fica com a maioria dos chafarizes ainda existentes no concelho de Vila Franca de Xira, a função ornamental não foi aqui importante, significando o despojamento que a sua função foi iminentemente prática; fornecer água potável ao lugar de Calhandriz, um dos sete da diminuta freguesia. Os outros seis – Adanaia, Loureiro, Lugar da Igreja, Lugar do Mato, Mato da Cruz e Pardieiro – eram abastecidos por outras nascentes. De resto, Calhandriz, que se estende por montes e vales, num reduzido perímetro de sete quilómetros quadrados, é uma povoação com características acentuadamente rurais.

# ESTÁTUA DO BISPO

Calhandriz

A estátua do Bispo D. Francisco Gomes de Avelar, a mais importante figura histórica da freguesia de Calhandriz, é a segunda peça mais importante do património local. Nascido a 17 de Janeiro de 1739 no lugar do Mato, da freguesia de Calhandriz, este homem, que viveu até aos 77 anos, entrou na História como o mais influente dos bispos do Algarve.

Levado pela mão de um tio padre, a quem tinha sido entregue aos 14 anos, quando saiu da aldeia, é admitido aos 18 anos na Congregação do Oratório, sendo ordenado presbítero aos 24. Antes de se tornar bispo, já no reinado de D. Maria I, foi Capelão da Real Casa das Necessidades de D. José, e conseguiu ser recebido em Roma pelo Papa Pio VI.

Os algarvios evocam-no como construtor ou reconstrutor de templos (em Faro, Tavira, Albufeira, Aljezur, Estói, Cacela e São Brás de Alportel) e das pontes de Castro Marin, Cacela, Ludo, Marxil e Ferragudo.



# FORTALEZAS DAS LINHAS DE TORRES

Rua do Forte  
Calhandriz



Na freguesia de Calhandriz existem, à semelhança do que acontece em Alverca do Ribatejo, cinco fortes militares pertencentes às Linhas Defensivas de Torres Vedras. Aqui, os vestígios do conjunto de fortificações são ainda bastante visíveis. O destaque vai para o denominado Reduto Novo da Costa da Freira, mas o estado de conservação é bom também no Reduto da Serra do Formoso (situado em zona de fronteira com a freguesia de São João dos Montes) e nos Fortes 1 e 2 da povoação, este último conhecido também na zona como Forte de Mato Cabeço ou Forte de Santa Catarina.

O Forte 3 de Calhandriz, o último deste conjunto, também conhecido como Forte do Casalado ou Forte do Cartaxo, que tal como os restantes foi edificado no topo da elevação rochosa, encontra-se em ruínas. A opção dos engenheiros militares portugueses e ingleses da época pelos pontos, era ditada

pela estratégia defensiva. Dali a visibilidade sobre a área envolvente era excelente, permitindo manter as tentativas de avanço das tropas francesas debaixo de olho.

Vale ainda a pena aproveitar a visita a Calhandriz para apreciar o que resta da Calçada de Bragadas, junto ao viaduto sobre a Ribeira de Loureiro. A observação dos três troços deste caminho, postos a descoberto por acaso, no decorrer de vulgares obras de construção civil, permitem concluir que a calçada foi construída também no início do século XIX, ao mesmo tempo que o forte.

Foi aqui, no Vale de Calhandriz, que ocorreu um dos mais emblemáticos episódios da resistência contra os invasores franceses (ver gravura da época), envolvendo Massena. O marechal francês, ao aproximar-se das linhas, em Outubro de 1810, avisado por um tiro disparado do Reduto da Serra do Formoso de que devia parar, recuou, tirando o chapéu com uma vénia, em homenagem ao atirador.



# IGREJA MATRIZ DE SÃO MARCOS

Calhandriz

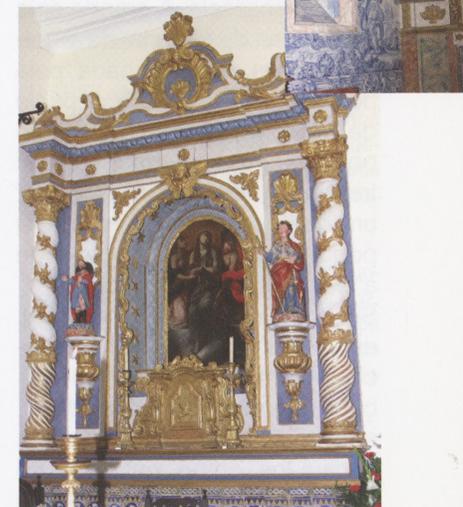
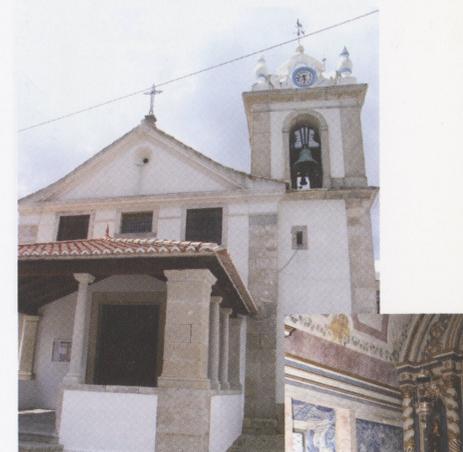
Não se sabe ao certo a data em que foi construída a Igreja matriz de São Marcos, que é seguramente a peça patrimonial mais importante da freguesia de Calhandriz. Supõe-se que o tenha sido na primeira metade do século XVIII, havendo apenas a certeza de que foi bastante danificada pelo Terramoto de 1755 e reconstruída depois. Não é por isso de estranhar que a traça actual seja tipicamente setecentista, característica da época pombalina.

No interior do templo subsistem várias peças da época da reconstrução. Desde logo, a imagem de São Marcos, padroeiro da freguesia, mas também a tela com a representação de Nossa Senhora da Assunção (uma das múltiplas denominações de Maria, mãe de Jesus), a capela-mor, revestida a azulejos, e o altar-mor, com talha dourada e policromada.

À entrada do templo, do lado direito, encontra-se uma lápide trabalhada, que terá sido encontrada nas ruínas de um antigo edifício do período romano.

Autor de um dos quatro Evangelhos Canónicos (os outros são de Mateus, Lucas e João), São Marcos nasceu na Alexandria (actual Egipto), dez anos antes de Jesus, e aí morreu no Ano 63. Foi um dos 70 discípulos fundadores do Cristianismo.

As suas relíquias foram roubadas do sepulcro no ano 828, por dois mercadores venezianos, que as levaram para Veneza, onde existe o mais importante templo em sua honra, a célebre Basílica de São Marcos.



# CRUZEIRO DA CALHANDRIZ

Largo fronteiro à Igreja  
Calhandriz



O Cruzeiro de Calhandriz é outra peça relevante, nesta freguesia onde o património histórico edificado escasseia. A grande cruz de pedra, despojada de ornamentações, é acarinhada pela população como uma espécie de compensação, o substituto possível do pelourinho que a freguesia nunca possuiu. É um dos pontos de encontro da população e marca o local onde a festa geralmente acontece. Símbolos clássicos da fé cristã, estes padrões estão muito associados em Portugal às superstições. Contudo, e apesar disso, a credence popular tende a encará-los como garantes de uma protecção divina não só

dos habitantes mas, também, dos visitantes. A paróquia de Calhandriz, que assegura a manutenção e funcionamento do templo, e de certo modo a protecção do cruzeiro, tem recebido apoio continuado da parte dos serviços de património da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

# BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV (s/d), Alverca Cidade do Futuro, Algueirão, Widenation.

AA.VV. (2004), Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970. Um Património a Conhecer e Salvar, Catálogo da exposição itinerante, Lisboa, IPPAR.

AAVV (2001) - Memórias de Pedra e Cal, Catálogo da Exposição, Vila Franca de Xira, edição Museu Municipal - Câmara Municipal Vila Franca de Xira.

AAVV (1991), O Concelho em que Vivemos, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (1998), O Concelho em que Vivemos, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (2007), Plano de Ordenamento e Gestão para a Reserva Natural do Estuário do Tejo – Etapa 1-Descrição, Volume III, Lisboa, Hidroprojecto, Engenharia e Gestão SA / Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade

AAVV (2008), 1ª Revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira, Análise e Diagnóstico, Caderno IV – História e Património, Volume I, Carcavelos, Ed. Plural, Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, 2004; revisto em 2008.

AZEVEDO, Carlos de; FERRÃO, Julieta; e GUSMÃO, Adriano de (1963), Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. III Concelhos de Mafra, Loures e Vila Franca de Xira, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa

BLOT, Maria Luísa Pinheiro (2003), Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia

ETIENNE, Robert et MAYET, Françoise (2000), Le Vin Hispanique, Paris, Diffusion E. De Bocard.

FERREIRA, Anabela (2009), Fragmentos de Alverca: História e Património, Alverca do Ribatejo, Edição da Junta de Freguesia.

FERREIRA, Anabela (2007), Lenda da Fonte do Choupal, Alverca do Ribatejo, Edição da Junta de Freguesia.

GABRIEL, Adriano (2003), Das gentes e Terras do Concelho de Vila Franca de Xira: o corpo e a alma da Freguesia de Alverca do Ribatejo, 2 vols, Vila Franca de Xira, Ed. Jornal Vida Ribatejana.

LOUREIRO, Ferreira (1909), Pelourinhos do Concelho da Figueira da Foz, in Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha, Tomo I, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana de Augusto Veiga.

# BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Andrea e NEVES, César (2007), Arqueologia Preventiva na Freguesia de Alverca do Ribatejo, in Catálogo da Exposição "Álverca da Terra às Gentes", Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

PACHECO, José do Carmo (1995), Monografia de Alverca, Alverca, Edição da Junta de Freguesia, 1998.

RAIMUNDO, Orlando (2010), Feiras, Festas e Romarias, Coleção Vila Franca de Xira – "Saber Mais Sobre...", Edição da Câmara Municipal.

RAIMUNDO, Orlando (2010), Museus, Coleção Vila Franca de Xira – "Saber Mais Sobre...", Edição da Câmara Municipal.

RAIMUNDO, Orlando (2011), Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira, Coleção Vila Franca de Xira – "Saber Mais Sobre...", Edição da Câmara Municipal.

SILVA, A. Vieira (1939), A Cêrca Moura de Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 2.ª edição.

## DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS E ENSAIOS HISTÓRICOS

MATTOSO, José (1992), Portugal Medieval. Novas interpretações, Lousã. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MEDINA, João (1995) - História de Portugal, Clube Internacional do Livro.

OLIVEIRA, Pe. Miguel de (1958), História Eclesiástica de Portugal, Mem Martins, Publicações Europa-América, edição revista e actualizada, 2001.

SERRÃO, Joel, Dir. (1989), Dicionário da História de Portugal, Porto, Livraria Figueirinhas.

SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira, Dir. (1991), Nova História de Portugal, Lisboa, Presença,

## PERIÓDICOS

PLÁCIDO, Alexandre (1991), As Sentinelas, Notícias de Alverca n.º 44, Março.

SARMENTO, Zeferino (1964), Estrada de Lisboa a Santarém. Demarcação, Vida Ribatejana, nº especial dedicado a Vila Franca de Xira.

## DOCUMENTOS ON-LINE

Portal de Alverca  
<http://www.portalalverca.com>

Site Beijós\* Cinco Aldeias  
<http://beijoscincoaldeias.blogspot.com>

Site Igreja dos Pastorinhos  
<http://igrejadospastorinhos.blogspot.com>

Site Jornal O Mirante  
<http://www.omirante.pt>

Site Laboratório Nacional de Engenharia Civil  
<http://www.ext.lnec.pt>

# CONTACTOS

## POSTO DE TURISMO

Vila Franca de Xira  
263 285 605  
[turismo@cm-vfxira.pt](mailto:turismo@cm-vfxira.pt)

## MUSEU MUNICIPAL - NÚCLEOS

### Sede

Vila Franca de Xira  
263 280 350  
[sede@museumunicipalvfxira.org](mailto:sede@museumunicipalvfxira.org)

### Núcleo Museológico

Alverca  
21 957 03 05

### Arte Sacra

Vila Franca de Xira  
263 285 620 / 263 288 337

### Barco Varino

Vila Franca de Xira  
263 280 350 | 263 280 460  
[turismo@cm-vfxira.pt](mailto:turismo@cm-vfxira.pt)

### Museu Neo-realismo

Vila Franca de Xira  
263 285 626  
[neorealismo@cm-vfxira.pt](mailto:neorealismo@cm-vfxira.pt)

## JUNTAS DE FREGUESIA

### Alhandra

21 951 90 50  
[geral@alhandra.net](mailto:geral@alhandra.net)

### Alverca do Ribatejo

21 958 76 80  
[geral@jf-alverca.pt](mailto:geral@jf-alverca.pt)

### Cachoeiras

263 272 590  
[jfcachoeiras@mail.telepac.pt](mailto:jfcachoeiras@mail.telepac.pt)

### Calhandriz

21 958 81 30  
[jf\\_calhandriz@iol.pt](mailto:jf_calhandriz@iol.pt)

### Castanheira do Ribatejo

263 299 747  
[jf.castanheira@mail.telepac.pt](mailto:jf.castanheira@mail.telepac.pt)

### Forte da Casa

21 953 31 00  
[jf.fortedacasa@gmail.com](mailto:jf.fortedacasa@gmail.com)

### Póvoa de Santa Iria

21 953 96 90  
[geral@jf-povoasantairia.pt](mailto:geral@jf-povoasantairia.pt)

### S. João dos Montes

21 950 07 01  
[j.f.s.joao.montes@net.novis.pt](mailto:j.f.s.joao.montes@net.novis.pt)

### Sobralinho

21 950 05 41  
[secretaria@jf-sobralinho.pt](mailto:secretaria@jf-sobralinho.pt)

### Vialonga

21 952 09 67  
[geral@jf-vialonga.pt](mailto:geral@jf-vialonga.pt)

### Vila Franca de Xira

263 200 770  
[freguesia@jf-vfxira.pt](mailto:freguesia@jf-vfxira.pt)

A colecção “Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ...” será constituída, numa primeira fase, por dez livros, de edição bimestral.

Volumes que integram a colecção:

1. Feiras, Festas e Romarias  
EDITADO A 15 JANEIRO DE 2010

2. As Linhas Defensivas de Torres Vedras  
EDITADO A 30 ABRIL DE 2010

3. Gastronomia  
EDITADO A 01 JULHO DE 2010

4. Museus do Concelho  
EDITADO A 09 NOVEMBRO DE 2010

5. Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga  
EDITADO A 25 FEVEREIRO DE 2011

6. Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira  
EDITADO EM SETEMBRO DE 2011

7. Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho  
EDITADO EM OUTUBRO DE 2011

8. Património de Alverca e Calhandriz

9. História de Vila Franca de Xira

10. Instituições de Solidariedade Social

**Preço de venda:**  
3.00 euros

**Locais de venda:**  
Posto de Turismo, Museu Municipal  
e Museu do Neo-Realismo  
(Vila Franca de Xira)

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)